

GERAL

Entrevista da semana

Daniela Bochembuzo

Jornalista e professora, ela fala sobre experiência e escolhas profissionais

Uma contadora de histórias dando aulas

Fotos: Samantha Curitiba



ANA PAULA PESSOTO

Ela coleciona experiência como jornalista em redações do Interior de São Paulo e nas salas de aula como professora de jornalismo. Na Entrevista da Semana desta edição, quem “dá a letra” é a enérgica e doce Daniela Bochembuzo.

Ela nasceu em Assis, cresceu em Piracicaba, formou-se em jornalismo em Londrina e passou por várias cidades até vir para Bauru, onde já está há quase duas décadas.

Nos principais trechos da entrevista, ela fala sobre o conhecimento e mudanças no universo comunicacional. “O estudo constante é fundamental. Quem não estuda para no tempo. Nossa profissão acompanha as mudanças do mundo, tanto do ponto de vista tecnológico quanto do social. Não tenham medo do novo. Este é um conselho que sempre dou aos meus alunos”.

Jornal da Cidade – O seu conhecimento sobre jornalismo une a prática da profissão com a sala de aula.

Daniela Bochembuzo – Eu penso que tanto a sala de aula quanto a redação são ambientes que têm muitas histórias. Os alunos trazem muitas histórias e aspirações, o que também ocorre com as fontes entrevistadas. E o grande desafio profissional, sendo professora ou jornalista, é descobrir essas histórias.

JC – Como você se define profissionalmente?

Daniela – Eu sempre costumo dizer que sou uma jornalista dando aulas, porque eu continuo preocupada e atenta a essas histórias. E uma das minhas funções é contar histórias sobre o jornalismo, sobre as técnicas, como aprender... Eu continuo aberta a isso. Penso que a convergência entre o jornalismo (redação) e a sala de aula está na predisposição ao sonho e às mudanças das pessoas que estão nesses dois ambientes.

JC – O jornalismo e os meios de comunicação têm passado por grandes mudanças ao longo das décadas.

Daniela – O primeiro ponto que tentamos indicar ao aluno é a valorização da profissão escolhida por ele. Um dos propósitos é indicar o contexto em que nasceu o jornalismo, como ele evoluiu e como ele fez diferença em vários momentos da história do País e do mundo, para o estudante poder compreender o que é a nossa profissão e sempre estar atento à questão do jornalismo a serviço das pessoas e da informação de interesse público. O primeiro ponto é esse. O segundo é discutir as mudanças que estão se dando.

JC – O que precisa ser evidenciado nesse contexto?

Daniela – Precisamos entender que não somos mais os únicos mediadores desse processo como um todo e que isso nos traz maior liberdade de atuação, de uma certa maneira, o que é importante porque nos permite testar novos terrenos. Por outro lado, nos traz muitas responsabilidades porque precisamos provar a todo preço que somos importantes para a sociedade. Alguns alunos chegam a questionar até quando a profissão vai existir. Eu entendo que ela vai continuar existindo porque é importante esse papel de filtrar as informações, contar as histórias e indicar o que é mais relevante dentro desse todo. Mas, para isso, precisamos estar abertos. O estudo constante é fundamental. Quem não estuda para no tempo. Nossa profissão acompanha as mudanças do mundo, tanto do ponto de vista tecnológico quanto do social. Não tenham medo do novo. Este é um conselho que eu sempre dou aos meus alunos.

JC – Por que jornalismo?

Daniela – Quando criança, meu sonho era ser professora. Eu tinha lousa e dava aulas para minhas irmãs, amigas e para mim mesma (risos). Nesse período, eu tive uma professora que era apaixonada pelo teatro. E eu também me apaixonei pela arte. Eu escrevi minha primeira peça aos 10 anos de idade. Aos 11, montei um grupo e, aos 13, eu era atriz federada amadora. Fui crescendo e achando que seria atriz.

JC – Quando a certeza da profissão chegou?

Daniela – Meu pai lia quatro jornais todos os dias e eu lia também. Aprendi a ler com as tirinhas do “Horácio”. Sempre li muito e passei a escrever para sugerir pautas e dar a minha opinião para a suplemento “Folhinha”. Aos 10 anos, eu decidi entrevistar o secretário da Agricultura de Piracicaba, onde eu morava (risos). Escrevia peças de teatro sempre com uma jornalista como personagem. Já na adolescência, fiz parte de um jornal da escola... ou seja, fui fazer teste vocacional e deu jornalismo. Puxei o fio e vi que era isso mesmo. Fiz a faculdade na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

JC – Como foi a Daniela estudante universitária?

Daniela – Eu tentei aproveitar ao máximo a graduação. Fiz projeto de extensão, jornais de outros centros acadêmicos, aulas de línguas. Particpei de manifestações, do Diretório Central dos Estudantes (DCE)... O que tinha para fazer eu fazia. Foi um momento muito rico da minha vida. Isso sem falar nas amizades. Eu sempre entendi que nós precisamos estar abertos ao mundo.

JC – Resuma sua trajetória profissional no jornalismo.

Daniela – No último semestre do curso, passei em um processo seletivo e trabalhei cerca de um ano como assessora de imprensa, em Londrina. De lá, fui trabalhar na Folha de São Paulo, em Ribeirão Preto. De Ribeirão fui convidada para implantar uma editoria de comportamento no Comércio do Jahu. Seis meses depois, surgiu um convite para trabalhar no Diário de Bauru, onde fiquei de 1996 a 2000, quando o Diário fechou e eu fui trabalhar no Jornal da Cidade. Trabalhei no JC durante 11 anos.

JC – Já são quantos anos em sala de aula?

Daniela – Eu leciono há 12 anos. Comecei na Universidade Paulista (Unip) e agora estou na Universidade Sagrado Coração (USC). Fiquei quase cinco anos na coordenação do curso de jornalismo da USC e atualmente ministro laboratório de jornalismo impresso, teorias da comunicação e laboratório de jornalismo radiofônico. Estou em Bauru há quase 20 anos.

JC – As redações e as “ruas” renderam boas histórias?

Daniela – Passei por várias editorias, mas sempre fui avaliada para matérias comportamentais, mais frias e analíticas, como repórter ou editora. Nunca gostei de cobrir polícia, mas fiz. Tanto que tenho algumas histórias. Certa vez, fui até a delegacia fazer uma matéria sobre a prisão de um estuprador. O cara estava algemado em um poste no meio do pátio. Falei com o delegado e, quando fui falar com o suspeito, cheguei perguntando: “oi, tudo bem?”. Era óbvio que não estava tudo bem. Isso virou uma piada no jornal, claro (risos). Outra vez eu cobri um acidente, onde o policial pediu para eu ter cuidado porque havia partes do cérebro da vítima espalhadas pelo chão. Fiz todas as entrevistas necessárias, mas cheguei na redação e me deu um bloqueio. Não consegui escrever. Ficou patente para mim que aquela não era a minha área.

JC – Futuros projetos profissionais?

Daniela – Meus projetos são muito a curto prazo. E eu os tenho realizado. Meu projeto era dar aulas e graças a Deus estou fazendo isso. Outro era viver de jornalismo, o que eu pude fazer por um bom tempo. Não sou uma pessoa que fica aspirando excessivamente. O que eu tenho para mim é suficiente. Não descarto um dia voltar para uma redação. São momentos. Hoje, o meu momento é estar inteira dentro da sala de aula e ser mãe. Há tempos era ser coordenadora e estar na sala de aula. Um pouco antes foi ser jornalista e estar na sala de aula. O importante é a gente compreender cada etapa.

JC – Você acha que a mulher ainda é muito cobrada por suas decisões?

Daniela – Somos, sim. Eu nunca fui mais ou menos em nada do que eu fiz. Eu sempre fiz as coisas com muito empenho. Sempre abracei minhas decisões. Nenhuma escolha é fácil porque envolve ônus e bônus, mas quando você decide de forma inteira, ela se torna algo prazeroso. A questão é encarar.

Perfil

Daniela Pereira Bochembuzo

Ariana, ela tem 42 anos
É casada com o médico veterinário **Paulo Roberto Tavares Zanardi** com quem tem duas filhas: **Carolina e Juliana**

A **leitura e a música** são hobbies
O estilo musical predileto é o **Indie rock**
O gênero **livro-reportagem** está entre suas leituras favoritas. Ela gosta muito da obra “**Chatô**”, de Fernando Morais

Nota 10: Para a solidariedade e respeito ao próximo
Nota 0: Para o egoísmo, que gera atitudes como corrupção e intolerância, esse não olhar o outro
E-mail: daniboche@uol.com.br

Professora de jornalismo, Daniela leva para as salas de aula também o que viveu nas redações

Alegria da casa, Lola é a mascote e “guardiã” de Daniela

Nunca fui mais ou menos em nada do que eu fiz; sempre abracei minhas decisões’

